

## **A virilidade e a vigorexia: uma reflexão psicanalítica**

*Júlia Haueisen Pinheiro<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Os debates contemporâneos da Psicologia e da Psicanálise têm se adentrado cada vez mais em assuntos como a masculinidade e o ideal viril, desconstruindo e questionando arranjos sociais normativos sobre o masculino, que, apesar disso, ainda se apresentam com muita força. Logo, a forma como os homens vivem diante desse ideal é um tema de extrema importância social e de grande interesse da Psicanálise, devendo ser constantemente refletido. Nesse sentido, o presente artigo se debruça sobre o fenômeno da vigorexia masculina, empreendendo uma reflexão acerca do ideal masculino decorrente da lógica fálica e a sua relação com a negação da castração. Este estudo adotou como metodologia a pesquisa teórica acerca do tema, baseando-se, majoritariamente, nas contribuições freudianas e lacanianas. A partir das reflexões empreendidas, o estudo propõe a vigorexia masculina como uma tentativa de sustentação de virilidade pela negação da castração e pela busca da afirmação de uma identidade fálica.

**Palavras-chave:** virilidade; vigorexia; falo; castração; masculinidade.

### **Virility and vigorexia: a psychoanalytic reflection**

### **Abstract**

Contemporary debates in Psychology and Psychoanalysis have increasingly delved into issues such as masculinity and the virile ideal, deconstructing and questioning normative social arrangements about the masculine, which, despite this, still present themselves with great force. Therefore, the way men live in the face of this ideal is a topic of extreme social importance and of great interest to Psychoanalysis, which must be constantly reflected. In this sense, this article focuses on the phenomenon of male vigorexia, undertaking a reflection on the masculine ideal arising from the phallic logic and its consequent physical and social impacts. This study adopted theoretical research on the subject as methodology, based mainly on Freudian and Lacanian contributions. From the reflections undertaken, the study proposes male vigorexia as an attempt to sustain virility through the denial of castration and the search for the affirmation of a phallic identity.

**Keywords:** virility; vigorexy; phallus; castration; masculinity.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais



## **Introdução**

A vigorexia masculina é um fenômeno de distorção da imagem corporal no qual o homem busca desenvolver a sua musculatura de forma excessiva e está associado ao ideal de masculinidade viril estabelecido socialmente, que normatiza a figura do homem realmente viril como aquele detentor de grande força física e capaz de se impor sobre os outros (Fanjul e Gonzalez-Onãte, 2011). Por se tratar de um fenômeno não saudável, gerador de inúmeros sofrimentos físicos e psíquicos (Alonso, 2006), a reflexão acerca dos sintomas vigoréxicos possui grande relevância social.

Nesse sentido, o presente estudo teórico buscou entender, por meio da abordagem psicanalítica, os fatores que levam os homens à vigorexia, adotando como metodologia a pesquisa teórica de textos que discorrem sobre esse fenômeno a partir do recorte da perspectiva masculina, baseando-se, majoritariamente, nas contribuições freudianas e lacanianas. Desse modo, para compreender a relação estabelecida entre o homem, os arranjos sociais normativos sobre a masculinidade viril e a vigorexia masculina, é necessário refletir, primeiramente, sobre um elemento central na constituição subjetiva desses sujeitos: o falo.

### **A lógica fálica em Freud**

Ao se debruçar sobre a constituição subjetiva do sujeito e, mais especificamente, sobre a masculinidade, Freud (1923/1996) apresenta a figura masculina como constantemente ameaçada pela castração. A partir da sua teoria sobre o Complexo de Édipo, o autor introduz na Psicanálise a ideia do complexo de castração, que teria como ponto central a posse ou a ausência do falo. Nessa perspectiva, o menino é entendido como aquele que possui o falo físico e simbólico, portanto, não castrado, que ocupa a posição de todo fálico; por outro lado, a menina é entendida como aquela que opera apenas com o falo imaginário, sendo consequentemente castrada e ocupando a posição de não-toda fálica (Freud, 1923/1996).

Nas palavras de André (1998, p. 172), ao abordar o termo falo, Freud “[...] introduz uma nuance: se o falo tem relação íntima com o órgão masculino, é na medida em que designa o pênis enquanto faltoso ou suscetível de vir faltar.” O falo assume aí uma função vacante, é aquilo que falta (ou pode vir a faltar) e é desejado. Para Freud (1923/1996), essa representação psíquica imaginária e simbólica é o elemento organizador da sexualidade, e não o órgão genital masculino em si.

Freud (1905/1972), ao abordar as fases do psicodesenvolvimento sexual, teoriza a fase fálica da organização sexual infantil, marcada pelo primado do falo, e a diferença da sexualidade adulta, marcada pelo primado genital. Na fase fálica, de acordo com Freud (1923/1996), não há registro do outro sexo no inconsciente, de modo que as crianças de ambos os sexos conhecem apenas o órgão sexual masculino e acreditam, assim, que todos os sujeitos o possuem. A partir dessa crença infantil de que todos os seres são providos de um falo, independentemente do seu gênero, se estabelece o primado do falo, ou seja, a crença na universalidade do falo, que define o início da fase edípiana.

Entretanto, a criança eventualmente se depara com a diferença anatômica entre os sexos e passa a compreender que a figura feminina e, mais especificamente, a mãe, não possui um falo, de forma que se estabeleça o reconhecimento da diferença sexual (Freud, 1923/1996). A constatação da ilusão da universalidade imaginária do falo se dá pela operação da castração na criança, que desconstrói a sua fantasia infantil do primado do falo e a sua ideia ilusória de um mundo no qual a satisfação total dos sujeitos é possível (Freud, 1923/1996). A experiência edípica, porém, se diferencia para o menino e para a menina.

O menino, inserido no Complexo de Édipo, cria fantasias incestuosas com a mãe, tomando-a como objeto do seu desejo e, na relação dual estabelecida entre os dois, surge uma terceira figura como interdição, a figura paterna. Diante do desejo do filho direcionado à mãe, o pai se insere na relação para impor um limite e uma lei de proibição do incesto. Por acreditar ser portador do falo, enquanto figura masculina, e por reconhecer a figura do pai como uma lei<sup>2</sup> ao qual ele deve se submeter, o menino teme a possibilidade de ser castrado pelo pai frente à transgressão incestuosa com a mãe. É nesse sentido que o menino desenvolve um grande medo da castração, direcionado ao pai, e é constantemente ameaçado pela possibilidade de castração (Freud, 1923/1996).

A menina, por outro lado, diante das diferenças anatômicas entre os sexos, se depara com o fato de não possuir o falo físico e, de acordo com Freud (1905/1972), desenvolve uma inveja pelo órgão sexual masculino. A valorização do falo é tão grande na organização sexual dos sujeitos que, ao se confrontar com a sua falta, a menina desejaria se tornar um menino, na tentativa de possuí-lo (Freud, 1905/1972). Entretanto, diante da constatação da sua própria castração e da impossibilidade de portar o falo físico, a menina desenvolve a angústia da castração que incide sobre ela e a consequente inveja do pênis. Neste sentido, Lourenço (2005)

---

<sup>2</sup> Para um maior aprofundamento acerca do processo de reconhecimento da figura do pai enquanto lei, indica-se a leitura das obras de Freud (1923/1996) e Lacan (1957-58/1999).

aponta para o fato de que o masculino é marcado pela rivalidade com o pai, enquanto o feminino é marcado pelo desejo de obtenção do falo.

Diante desse medo da castração e por ser fundamentalmente ameaçado por ela, o homem se empenha em diversas formas de demonstrar virilidade, como se essas demonstrações garantissem a posse do falo (Souza e Reichow, 2016). Neste sentido, Freud (1937/1980) aponta que o homem sustenta uma virilidade como uma forma de negação da castração, a qual se manifesta em uma recusa da feminilidade, a partir da constatação da ausência do falo na figura materna e a sua associação ao feminino.

Assim, a necessidade constante de demonstração de força e de virilidade, como apontado por Freud (1937/1980), é uma tentativa do sujeito de negar, ao máximo, a possibilidade de ser mulher, ou seja, de ser um indivíduo marcado pela castração. Socialmente, essa negação se traduz por meio de uma aversão a todos os valores normativamente considerados femininos, como a delicadeza e o sentimentalismo. Assim, o feminino é fortemente negado por aqueles que se consideram não castrados, na medida em que eles buscam, incessantemente, não serem associados a esses valores socialmente estabelecidos e não serem, enfim, mulheres castradas.

### **A lógica fálica em Lacan**

Para Lacan (1957-58/1999), o Édipo é, ao mesmo tempo, uma estrutura subjetiva e um conceito estruturante. Estrutura subjetiva porque a relação entre os sujeitos (mãe, pai e filho) no Complexo de Édipo não é marcada por posições pré-definidas e rígidas, mas sim pelo modo como os sujeitos se inserem na estrutura em função do outro e pelo lugar que eles ocupam nessa relação. Ainda, o autor acrescenta a ideia do Édipo como elemento constitutivo do inconsciente de todos os sujeitos envolvidos nessa relação, e não apenas da criança. É a partir disso que ele propõe o conceito de Édipo como estruturante, além de defender o seu papel central na formação da sexualidade e na construção do caráter das crianças (Carmo, 2009).

Diante da hipótese edípica, Lacan (1957-58/1999) estabelece três tempos do Édipo: no primeiro tempo, há uma identificação da criança com o falo, e, entendendo-se como objeto único de desejo da mãe, a criança se faz objeto do desejo do Outro. Nesta fase, a criança acredita, então, ser a única fonte de felicidade da mãe. No segundo tempo do Édipo, Lacan (1957-58/1999) teoriza a metáfora paterna e a castração simbólica da criança. Neste momento,

a função paterna intervém na relação da mãe e do filho, impondo um limite ao desejo de completude de ambos. A partir disto, a criança é privada do seu objeto de desejo (mãe) – e também de ser o objeto de desejo materno – e a mãe é privada do seu filho enquanto objeto fálico, pois o Outro paterno se introduz enquanto uma lei, uma interdição, na medida em que é autorizado pela mãe a ocupar o lugar fálico. Essa função paterna simbólica como instauradora da lei de interdição é possível a partir da introdução do significante Nome-do-Pai (NP) na cadeia de significantes que banham o indivíduo, sendo, assim, a inscrição do NP a responsável pela castração simbólica de todos os sujeitos.

Como consequência da introdução desse significante, a mãe volta a sua atenção ao outro e a criança percebe que não é seu objeto de completude, pois a mãe possui outros interesses para além do filho, de forma que ele reconheça que algo falta a ela e que ele não é capaz de completá-la, constituindo o processo denominado por Lacan (1957-58/1999) como metaforização do desejo materno. É a partir dessa inscrição da metáfora paterna e, conseqüentemente, da metaforização do desejo materno, no segundo tempo do Édipo, que a criança deixa seu lugar de ser o falo da mãe para a dúvida de **ter** ou não o ter; o falo deixa de ser objeto imaginário do desejo da mãe e se torna significante do desejo do Outro (Lacan, 1957-58/1999).

No terceiro e último tempo do Édipo, Lacan (1957-58/1999) evidencia que a lei de interdição inscrita marca todos os personagens da relação, de forma que o próprio pai se submete a ela, inscreve-se nela. Ainda, é nesse momento que a criança, por deixar de se identificar como o falo da mãe, sai da sua posição de eu ideal, narcísica, e passa a identificar a figura paterna como o real representante do falo e, portanto, como alvo de um ideal de eu a ser alcançado (Lacan, 1957-58/1999). Essa identificação com o ideal do eu não se trata de uma identificação com o pai em si, mas sim com aquilo que ele traz como semblante.

Como exposto por Carvalho (2019), nesse terceiro tempo, o pai se apresenta como aquele possuidor do falo, e não como aquele que o é. Desse modo, a figura paterna se coloca como aquela que, além de castradora, pode dar a mãe o falo que ela deseja, já que o possui. A partir disso, a criança internaliza a imagem do pai, detentor do falo, como o ideal do eu a ser buscado, o que inicia o declínio do Complexo de Édipo, na medida em que o sujeito é deslocado da competição direta com o pai para a identificação com este.

Entretanto, Lacan (1957-58/1999) aponta para o fato de que esta saída se dá de forma diferente para aqueles que virão a se situar no lado Homem e no lado Mulher, sendo Homem e

Mulher mais um significante na cadeia simbólica do sujeito. A partir de suas postulações sobre a teoria da sexuação, o autor entende que a diferença sexual não diz respeito a questões anatômicas, mas sim à forma como os sujeitos se posicionam diante da inscrição e, portanto, da significação fálica. O Homem<sup>3</sup> existe mediante à sua identificação com o pai da horda, exceção à regra da castração, dotando-se, assim, do direito à virilidade. Já a Mulher, não-toda existe a partir da significação fálica. Não-toda, pois não se dota da insígnia do falo imaginário. Logo, é no terceiro tempo do Édipo que se estabelecem os efeitos constitutivos da significação fálica, de forma que a criança possa se situar na partilha dos sexos<sup>4</sup>.

Lacan (1958/1998) afirma, assim, que a circunscrição fálica introduz o sujeito em sua existência e em sua modalidade de gozo, concluindo que esta tem uma função constitutiva. A percepção lacaniana do falo o entende como uma função que não pode ser reduzida à simbolização, mas não recusa sua noção como significante.

### **O falo e a masculinidade**

Ao abordar a marca deixada pelo falo na sua relação com o masculino, Lacan (1969-1970/1992) evidencia que a masculinidade é uma criação do discurso que objetiva desmentir a castração masculina, pois, na realidade, o homem é castrado e a posse do falo é apenas uma ilusão. Portanto, a posição viril do homem na sociedade se dá pela tentativa – sempre fracassada – de preservar um ideal de masculinidade não castrada, e os referenciais viris de masculinidade são apenas uma tentativa dos homens de se mostrarem detentores de um significante fálico, de poder.

Nesse sentido, Lacan (1971/2009) introduz o semblante como uma manobra do discurso que tem a função de esconder algo dele próprio, especificamente a dimensão do gozo. A partir dessa condição do discurso, é possível compreender que a visão construída socialmente da figura masculina como um símbolo de virilidade se trata de um semblante que visa reafirmar o discurso masculino viril e lidar com a castração a partir da sua negação, do seu escamoteamento (Mesquita e Corrêa, 2021). Assim, a associação entre a virilidade e a masculinidade é uma tentativa constante de manutenção do semblante homem.

---

<sup>3</sup> Ressalta-se, aqui, Homem não como aqueles limitados ao sexo masculino, mas sim como aqueles que, independentemente do seu sexo biológico, se posicionam simbolicamente do lado do Homem na tábua da sexuação lacaniana.

<sup>4</sup> Sugere-se a leitura das obras de Lacan (1972-73/1985), André (1998) e Bonfim (2014) para um entendimento mais aprofundado da teoria da sexuação lacaniana e a partilha dos sexos.

No mito Totem e Tabu, Freud (1913/2012) apresenta a figura do pai da horda primitiva como o líder supremo, como o pai originário que impõe a lei sobre os seus filhos, sendo temido e respeitado por todos. O pai da horda é hostil, violento e tirano, pois se coloca acima de tudo, sendo a própria definição de poder. Por se tratar daquele que impõe a sua própria lei sobre a civilização e por possuir um poder supremo, o pai da horda é aquele que funda a regra da castração. Entretanto, como exposto por Freud (1913/2012), por ser o responsável originário pela castração dos sujeitos, o pai da horda se apresenta como exceção, ou seja, como o único ser não castrado.

A partir dessa representação do pai da horda como símbolo de poder, que impõe a castração sobre o outro, mas que não se submete a ela, é possível entender que a busca por uma masculinidade não castrada se associa à imagem desse pai primitivo (Mesquita e Corrêa, 2021). Se os homens buscam um ideal de masculinidade na tentativa de provarem a sua posse ilusória do falo e de negarem a sua castração, eles buscam, enfim, uma identificação com o pai da horda não castrado.

Ainda, segundo Gazalé (2019), a virilidade não é sinônimo de masculinidade, mas sim um paradigma que visa normatizar a sua expressão, se impondo como uma exigência, principalmente para aqueles que não se identificam com esse ideal viril. Se os homens realmente fossem detentores do falo, se nada lhes faltasse, às suas demonstrações exageradas de virilidade não seriam necessárias – a tentativa desesperadora de se encaixar em um padrão de masculinidade forte, agressiva e invulnerável é um sinal de negação insistente da sua própria castração.

A visão sustentada socialmente sobre a masculinidade ideal foi construída a partir do mito da virilidade exacerbada que não admite a vulnerabilidade (Courtine, 2013). O homem, segundo esse ideal, deve ser controlador, forte, agressivo, não emocional e deve se impor constantemente. Como a posição viril desses homens que se adequam a esse padrão e acreditam, equivocadamente, que não são castrados se sustenta pela recusa do feminino (Freud, 1937/1980), qualquer subjetividade que não apresente as características que eles idealizam como masculinas, é conseqüentemente atacada, como uma tentativa de reafirmar o seu semblante e a sua posição de detentor do falo.

Pode-se refletir, assim, sobre as diversas tentativas de demonstração de virilidade tão presentes na sociedade, como homens que competem entre si para ver quem é “mais macho”<sup>5</sup>, homens que são violentos com pessoas do seu convívio – ou até desconhecidos – e homens que se recusam a assumir papéis paternos ou outros papéis que considerem femininos. Além disso, é evidente a violência voltada a outros grupos que busquem exercer uma masculinidade fora do padrão imposto socialmente. Como exposto por Medrado et al. (2019), os homens são os sujeitos que mais matam e morrem por causas externas, que mais sofrem violência e que mais se envolvem em acidentes de trânsito. O imaginário social do significado de ser homem afeta a maneira como os homens, atingidos por esse ideal, expressam sua subjetividade e interagem uns com os outros.

A busca da negação ilusória da castração pelo semblante da virilidade parece não ter limites, podendo se expressar de formas mais ou menos sutis. Um fenômeno que se faz muito presente atualmente e que pode ser entendido como essa busca negacionista é a vigorexia. A preocupação com a imagem corporal não é novidade na sociedade, acometendo grande parte da população, apesar disso, a vigorexia se configura como uma preocupação mais intensa sobre a força e a musculatura do corpo – valorizadas socialmente como características ideais masculinas (Assunção, 2002).

### **A virilidade e a vigorexia no homem**

De acordo com Assunção (2002), a vigorexia, também conhecida como Dismorfia Muscular e Anorexia Nervosa Reversa, é marcada por uma preocupação anormal em não ser suficientemente forte e musculoso em todo o corpo. Ainda, é importante entender que a vigorexia constitui uma distorção da imagem corporal. Na perspectiva da vigorexia masculina, essa distorção pode ser evidenciada pelo fato de que os indivíduos com sintomas vigoréxicos, apesar de apresentarem musculatura desenvolvida em níveis acima da média da população masculina, se consideram fracos e não musculosos (Cafri e Thompson, 2006).

Partindo do exposto, pode-se entender essa preocupação excessiva com a força e a musculatura – símbolos da virilidade – como uma forma de negar a castração e afirmar a posse do falo. Feitosa Filho (2014) afirma que os sintomas vigoréxicos se constituem como meios pelos quais os indivíduos aspiram sua identidade fálica, contrariando a castração, por meio de

---

<sup>5</sup> Sugere-se a leitura da obra Totem e Tabu (Freud, 1913/2012) para maior aprofundamento sobre a rivalidade masculina e a tentativa de parricídio.



uma inscrição simbólica desse significante no corpo pela sua musculatura. Para o autor, quando a libido do Eu toma o corpo como objeto, este assume a significação do falo.

Ainda segundo o mesmo autor, a atividade de malhar significa, pela via imaginária, produzir massa muscular intumescida – o que pode ser comparado à ereção do pênis. Seguindo este raciocínio, essa atividade física pode ser considerada como substituta da relação sexual, na medida em que produz uma descarga de prazer e leva a potência do músculo ao limite, de forma que ele relaxe posteriormente. O indivíduo, investindo em seu próprio corpo para o prazer autoerótico, atinge o limite suportável de intumescimento da sua musculatura, assim como na ereção do pênis, para que esta finalmente relaxe e “detumesça”. “O que o indivíduo com sintomas vigoréticos não suporta é a detumescência do órgão, pois esta aponta para a castração (-φ), da qual ele nada quer saber.” (Feitosa Filho, 2014, p. 165).

Portanto, o indivíduo acometido pela vigorexia não aceita a detumescência da sua musculatura, uma vez que essa representa a imagem do pênis na relação sexual e a inscrição do significante fálico no corpo. Ele se preocupa excessivamente com essa musculatura, exercitando-a exacerbadamente e nunca se satisfazendo com ela, mesmo que esteja acima da média esperada, pois ela simboliza o órgão sexual e a função fálica, de forma que esse sujeito não possa permitir que ela “detumesça” e que a castração se incida sobre ele. Esse gozo sempre insatisfeito e a necessidade de impedir a incidência da castração se relaciona, assim, à tentativa insistente de identificação com o pai da horda que, de acordo com Freud (1913/2012), é não castrado e goza sem limites.

Ainda no tocante à musculatura como representante do órgão sexual masculino e da função fálica, Pimenta (2015) afirma que, no final de toda relação sexual, o homem se depara inexoravelmente com a detumescência do seu órgão, e isto simboliza a perda da sua virilidade. Analogamente, o relaxamento muscular seria, para os vigoréticos, um símbolo de queda viril e de castração.

Feitosa Filho (2014) reforça, portanto, que os indivíduos com sintomas vigoréticos procuram manter uma identidade fálica inquestionável. Entretanto, como exposto pelo autor, “[...] ter um pênis, por si só não garante que o indivíduo com sintomas vigoréticos se sinta possuidor do falo [...]” (p. 165), dado que o indivíduo teve que renunciar ao falo, em sua dimensão simbólica, enquanto identificação imaginária de ser esse falo na travessia edípica, aceitando a sua castração.

Diante disso, para compensar essa castração, outros significantes aparecem para o sujeito como substitutos do falo, que, no caso da vigorexia, é o corpo hipertrofiado. Pode-se afirmar, portanto, que os homens com sintomas vigoréxicos buscam assinalar simbolicamente a manutenção imaginária do falo, inscrevendo-o no real do seu corpo por meio da sua forte musculatura (Feitosa Filho, 2014).

### **Considerações Finais**

A partir das reflexões teóricas elaboradas até aqui, sugere-se que a vigorexia masculina se apresenta como uma forma de negação neurótica da castração na masculinidade – própria dos sujeitos neuróticos, que habitam a linguagem e se inserem no discurso socialmente compartilhado (Lacet, 2004). Apesar disso, como apontado, a posse do falo é apenas uma ilusão, sendo todos os indivíduos castrados. Essa castração incide sobre os sujeitos, impondo a impossibilidade de uma completude. Embora sejamos todos castrados, a masculinidade ainda tenta sustentar um ideal viril ilusório, que muitas vezes leva ao sofrimento físico e psíquico dos homens.

A Psicanálise lança luz à discussão sobre as formas de se viver a masculinidade e como se dá a busca pela afirmação de uma identidade fálica. A vigorexia é apenas um exemplo de vivência dessa busca por afirmação, de forma que a sociedade apresente inúmeras outras formas de tentar afirmar a virilidade, desde as mais sutis e naturalizadas, até as mais violentas e mortíferas. Logo, a Psicanálise é de extrema importância para se discutir esse homem viril – que está sempre tentando se impor e se fazer ouvir na posição de poder, escondendo a todo custo a sua castração – abrindo espaço para o avanço do debate acerca das masculinidades e suas expressões.

Nesse sentido, este estudo teórico evidencia a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que se debruçam sobre uma maior investigação da vigorexia masculina, buscando compreender se ela se trata de um fenômeno igual para todos os homens com sintomas vigoréxicos, ou se ela se dá de forma diferente para cada sujeito, considerando as diversas formas de se expressar a masculinidade.

Ainda, ressalta-se que o presente estudo não aborda o fenômeno da vigorexia nas mulheres, o que se apresenta como uma limitação. Neste sentido, é importante evidenciar a necessidade de mais pesquisas dentro da Psicanálise sobre a relação entre a vigorexia e a feminilidade, que ainda se apresenta como um campo muito novo e inexplorado de estudo. A

vigorexia nas mulheres seria uma tentativa de negação da castração na masculinidade em uma mulher? Seria uma tentativa de enganação da castração na mulher? É necessário que mais estudos sejam realizados nesse âmbito para entender o fenômeno a partir da perspectiva feminina.

## Referências

- Alonso, C. A. M. (2006). Vigorexia: enfermedad o adaptación. *Revista Digital Buenos Aires*, 11(99). <https://efdeportes.com/efd99/vigorex.htm>
- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Assunção, S. S. M. (2002). Dismorfia muscular. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 24, 80-84. <https://www.scielo.br/j/rbp/a/rk9JwfSJpQL7GRqM7CtfXc/?format=pdf&lang=pt>
- Bonfim, F. (2014). Todo fático e não-todo: construções lacanianas sobre a sexuação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(1). <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10476/8248>
- Cafri, G., Van Den Berg, P., & Thompson, J. K. (2006). Pursuit of muscularity in adolescent boys: Relations among biopsychosocial variables and clinical outcomes. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 35(2), 283-291. [https://doi.org/10.1207/s15374424jccp3502\\_12](https://doi.org/10.1207/s15374424jccp3502_12)
- Carmo, E. B. do. (2009). *Os três tempos do Édipo em Lacan e a terceira margem do rio em Rosa*. [https://www.mensagenscomamor.com/images/livros/books2/e/eduardo\\_benzatti\\_do\\_carmo-os\\_tres\\_tempos\\_do\\_edipo\\_em\\_lacan\\_e\\_a\\_terceira\\_margem\\_do\\_rio\\_em\\_rosa.pdf](https://www.mensagenscomamor.com/images/livros/books2/e/eduardo_benzatti_do_carmo-os_tres_tempos_do_edipo_em_lacan_e_a_terceira_margem_do_rio_em_rosa.pdf)
- Carvalho, J. S. D. (2019). *O Édipo e sua incidência nas estruturas clínicas*. <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/6651/Jani%20Schach%20de%20Cavalho.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Courtine, J. J. (2013). Impossível virilidade. In A. Corbin, J. J. Courtine & G. Vigarello. (Orgs.). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*, 3, 7-12. Rio de Janeiro: Vozes
- Fanjul, C., & Gonzalez-Oñate, C. (2011). La influencia de modelos somáticos publicitarios en la vigorexia masculina: un estudio experimental en adolescentes. *Zer*, 16(31), 265-284. <http://hdl.handle.net/10234/36520>
- Feitosa Filho, O. A. (2014). Um olhar psicanalítico sobre a vigorexia. *Revista Subjetividades*, 14(1), 162-171. <https://doi.org/10.5020/23590777.14.1.162-171>.
- Freud, S. (1905/1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. 7, pp. 123-252). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1913/2012). Totem e Tabu. In S. Freud, Obras Completas, volume 11: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914), (pp. 13-244). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1923/1996). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. 19, pp. 325-342). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1937/1980). Análise terminável e interminável. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. 23, pp. 239-287). Rio de Janeiro: Imago.
- Gazalé, O. (2019, 8 de março). Futuro do feminismo depende da reinvenção de masculinidade. [Entrevista cedida a] Fernando Eichenberg. Folha de São Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/03/futuro-do-feminismo-depende-de-reinvencao-de-masculinidade-afirma-autora.shtml>
- Lacan, J. (1957-58/1999). *O Seminário 5 - As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1958/1998). A significação do falo. In *Escritos* (pp. 92- 703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1969-1970/1992) *O Seminário livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1971/2009). O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1972-73/1985). O Seminário 20 - mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacet, C. (2004). The forclusion of the Name of the Father to the general forclusion: considerations about the theory of psychosis to Lacan. *Psicologia USP*, 15, 243-262.
- Lourenço, L. C. D. A. (2005). Transferência e complexo de Édipo, na obra de Freud: notas sobre os destinos da transferência. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 143-149. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000100019>
- Medrado, B., Nascimento, M., & Lyra, J. (2019). Os feminismos e os homens no contexto brasileiro: provocações a partir do encontro 13º Fórum Internacional AWID. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 603-608. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.01662017>
- Mesquita, Y. M., & Corrêa, H. C. S. (2021). A “Masculinidade Tóxica” em Questão: Uma Perspectiva Psicanalítica. *Revista Subjetividades*, 21(1), e10936. <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i1.e10936>
- Pimenta, C. (2015). Como amam os homens?. *Jornal Opção*, 2066. <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/como-amam-os-homens-28337/>.
- Souza, J. H., & Reichow, J. C. (2016). O fâlico narcisista através da afirmação social de estereótipos masculinos. *Psicologia Corporal*, 17. <https://www.centroreichiano.com.br/artigos/Artigos/O-falico-narcisista-atraves-da-afirmacao-social-SOUZA-Jessica-Horacio.pdf>

### **Sobre os autores**

**Júlia Haueisen Pinheiro**, (ORCID: 0000-0002-4182-5397) graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, campus Pampulha. Endereço eletrônico: [juliahauaisenp@gmail.com](mailto:juliahauaisenp@gmail.com)

**Recebido em:** 13/11/2021

**Aceito em:** 24/08/2022

**Publicado em:** 07/12/2023